

O HERALDO

BI-SEMANARIO REPUBLICANO DEMOCRATICO
DIRETORES E PROPRIETARIOS: — LYSTER FRANCO E JOÃO PEDRO DE SOUSA

Administrador, — J. P. Sousa — Editor, — L. Franco
Publica-se ás quartas e sábados

Redação, administração, composição e impressão
Tipografia Democratica, Rua 1.º de Dezembro — FARO

ASSINATURAS: — Trimestre 500 réis — COMUNICADOS E ANÚNCIOS: — Cada linha 20 réis. Para a 1.ª e 2.ª pagina contrato especial. Publicam-se todas as informações de interesse geral.

POLITICA NACIONAL

O MAIOR PERIGO

Por varias vezes, nas colunas do *Heraldo*, em criticas desassombradas e imparciaes, como sabem ser todas as que submetemos á benévola apreciação dos nossos prezados correligionarios e leitores, nos temos referido á ação nefasta e anti-republicana do grupo evolucionista.

Por varias e repetidas vezes temos aqui apontado a sua errada e pernicioso orientação politica, indicando as mais flagrantes e funambulescas contradições em que tem caído o sr. dr. Antonio José de Almeida, seu chefe supremo e seu principal dirigente.

Não nos movendo o faciosismo politico, bretoeja de que jamais padecemos, usávamos apenas de um direito de livre critica movida pelos nossos bons desejos de bem elucidar a opinião publica, fornecendo-lhe todos os elementos para que ela imparcialmente pudesse julgar em sua consciencia o chefe do grupo evolucionista, essa figura de tribuno revolucionario, outrora prestigiosa, que, atualmente, só inspira desconfianças e receios a todos os que, como nós, sem interesses ocultos ou disfarçadas ambições, defendem a integridade da Patria e da Republica.

Obedecendo sem tibiezas nem desfalecimentos á nossa conduta de sempre, e desprezando por completo a incomensuravel serie de dilates e insultuosas calunias com que nos tem mimoseado todos os aventureiros politicos que ingressaram no evolucionismo, para mais comodamente poderem atentar contra a integridade do regimen eleito pelo Povo na gloriosa madrugada de 5 de outubro, arquivamos hoje no *Heraldo* o conceituoso editorial do nosso presado colega bejense *O Porvir*, incansavel e intemerato defensor dos ideaes democraticos.

Reproduzimo-lo no integra, para mais completa elucidación dos que nos leem:

«Vivemos na tranquila e consoladora convicção de que nenhum perigo serio ameaça a estabilidade do regimen, que o Povo Portuguez implantou, para seu uso, na madrugada historica de Cinco de Outubro. Supomos que nada empana o horizonte das nossas relações diplomaticas, e se é certo que a nossa situação financeira e economica se mantém difficil e penosa, não é menos verdade que está no poder quem, pelo talento, pelo saber, pela energia e mais que provavel boa vontade, pode e deve e quer opor-lhe remedio eficaz.

Este fato, descortinando-nos dias mais felizes num futuro proximo, dá-nos resignação para sofrer com paciencia as agruras presentes e incute-nos coragem, sem a qual não ha maneira de afrontar perigos e de triunfar na luta

E' de ver que nas horas altivas e supremas das nações é que aparecem e se evidenciam os heroes e os grandes homens. Sem Aljubarrota, sem o Gama e

sem a jornada de Alcacer, Camões seria uma figura apagada na tela da historia patria. Para surgirem os conjurados de 1640 foi necessaria a dominação filipina. O terremoto de 1755 tornou maior a figura de Pombal. Dentre os escombros da cidade em derrocada ergue-se formidavel e epica, a estatura do Marquez. Foi sempre assim. Na hora angustiada e ultima, produz-se a reação e é na desgraça e no infortunio que os animos se retemperam e virilizam. A adversidade produz a bravura e, mais comensalmente, a necessidade é mestra de engenho, que o mesmo é que dizer, — a necessidade fabrica sábios. Nada para estimular á resistencia como a resistencia, e o ferro em brasa adquire-a, na sua tempera maxima, mergulhado em gelo...

Isto quer dizer que a situação embaraçada do Pais, — legado temeroso da monarquia, — terá ao menos a vantagem de pôr á prova as excelencias do novo regimen e as aptidões dos seus estadistas. Demos-lhe, pois, tempo, e tenhamos confiança num e noutros, facilitando-lhes a missão de salvar a Patria, missão difficil, mas, por isso mesmo, mais gloriosa e meritoria.

No meio da desorientação geral que abi se manifesta, é absolutamente indispensavel dar apoio e dar força a alguém que disponha de mão firme e animo sereno para manobrar a nau do Estado, e que nos conduza, á custa de todos os esforços e de todos os sacrificios coletivos, a porto abrigado e seguro. E esse alguém é o governo que abi está e mais especialmente o homem que preside, cujas faculdades de estadista, cuja dedicação á causa da Patria, cujo saber e cuja competência só a pena despeitada e impotente do sr. Antonio José de Almeida seria capaz de pôr em duvida.

O sr. Antonio José Não fazemos a este homem publico a ofensa de duvidar das suas crenças de republicano, mas não ocultamos as nossas apreensões, dada a hipotese improvavel mas possivel duma situação presidida por s. ex.ª. Não é dele que temos receio; é daqueles em cujos braços o chefe evolucionista se deixou cair ingenuamente, que receamos. Toda a fidalguia, toda a burocracia, apeada pelo novo regimen, se juntou á massa de despeitados e inimigos da Republica, ingressando triunfalmente no partido do sr. Antonio José de Almeida. Um dia no poder, terá o chefe força para dominar os impetus dinasticos dessa gente? Cremos que não. Já aqui o dissemos, — no dia em que o sr. Antonio José de Almeida se opoz aos designios de taes partidarios, não lhe queremos estar na pele, — eles se desembaraçarão de s. ex.ª e, então, será inevitavel a tentativa de restauração, que é como quem diz — a guerra civil. Nestes termos o partido evolucionista é, — não pelo seu chefe, nem pelos raros bem intencionados que o acompanham, mas pela maioria das suas partes componentes, — um partido perigoso e anti-patriotico, que aos bons portuguezes cumpre combater, afastando-o quanto possivel da governação publica.

E' possivel que estejamos em erro, mas sincera e francamente o dizemos, — é no partido evolucionista que está o maior perigo para a estabilidade da Re-

publica, e consequentemente, para a integridade da Patria.

Comentando este belo artigo, que sintetisa por completo o nosso sentir, apenas diremos que todo ele foi escrito ácerca do procedimento e processos politicos daquele mesmo dr. Antonio José de Almeida, que, durante os tempos entusiasticos da propaganda revolucionaria, chegou a tomar, num comicio, perante os elementos socialistas e sindicalistas, este formal compromisso:

«Feita a Republica, continuarei a caminhar. Eu não páro. Quero uma sociedade cada vez mais avançada.»

Ora a esmagadora evidencia dos fatos demonstra a cada momento que o sr. dr. Antonio José de Almeida não só parou como também retrocedeu...

Que lastima!

NOTAS E COMENTARIOS

Intrigas e desilusões

Prezado amigo sr. redator:

Muito lhe agradeçia a fineza de fazer inserir no seu conceituado *Heraldo* as duas seguintes cartas:

«Ex.ª sr. dr. Jeronimo Rato:

Por informação confidencial de um amigo, soube que v. ex.ª houvera dito que tinha nas suas mãos os dados precisos para me inutilisar.

V. ex.ª compreende que sendo eu extremamente zeloso da minha dignidade, não posso consentir que tal afirmação passe em julgado e por isso venho pedir-lhe a fineza de me dizer se de fato f. z. essa afirmativa. Por espirito de lealdade, informo v. ex.ª de que é proposito meu publicar esta carta, bem como a resposta que haja por bem dar-me.

De v. ex.ª at.º e v.º,

Portimão, 20 de fevereiro de 1913.

(a) Virgilio de Quintanilha e Mendonça.

Ex.ª sr. Virgilio de Quintanilha:

Por falta de tempo, não respondi hontem á carta de v. ex.ª, recebida em Portimão, o que hoje faço para lhe dizer que não é verdadeira a informação que lhe deram a meu respeito, e que sou completamente alheio a quaisquer intrigas entre mim e v. ex.ª.

«Casa de v. ex.ª — Lagos, 23-2-1913.

De v. ex.ª at.º e v.º,

(a) Jeronimo Rato.»

Sem pretender abusar do afetuoso acolhimento com que gentilmente me tem honrado, permita-me, sr. redator, que ainda por intermedio do seu bi-semanario, torae do conhecimento publico que, completamente desiludido e enojado por toda essa politiquice baixa e vexatoria, que tem conduzido os nossos primeiros homens publicos, ao papel inclassificavel de bajular e fazer namoro descarado aos peores inimigos da Republica, na razão diametralmente oposta em que sacodem, com mais ou menos polidez, os seus leaes amigos e dedicados auxiliares de honrem, me retiro desalentado da politica activa, absolutamente convencido de que todos, sem exceção, breve hão de arrepender-se do caminho falso por que envenderam desprocuradamente.

Que sejam, pois, muito felizes, os srs. Afonso Costa, Brito Camacho e Antonio José de Almeida, bem como os republicanos cotados que lhes recrutam amigos dos diabos.

Portimão, 5-3-1913.

Virgilio de Quintanilha.

Apreciadores das altas qualidades politicas do nosso amigo sr. Virgilio Quintanilha, sentimos esta sua resolução e fazemos votos para que a má orientação po-

litica não continue a pôr fóra de combate os soldados mais trabalhadores e dedicados da democracia.

Vitaliano Gomes

Acompanhado de sua esposa, deu-nos o prazer da sua apreciavel visita nesta redação, o nosso querido amigo sr. Vitaliano Gomes, ilustre redator do bem redigido semanario *Juventud*, que se publica em *Aiamonte*.

Um aventureiro

Escrevem-nos alguns correligionarios do concelho de Alcoutim, perguntando-nos informações ácerca do famigerado Braz, a quem o nosso inolvidavel amigo D. Paulino de Andrade nomeou administrador daquele concelho.

Segundo nos contam, o tal Braz, antigo colaborador da *Provincia do Algarve*, e presumido maioral politico do unionismo, auzentou-se de Alcoutim depois de cometer proezas de ordem tal, que o povo pretendeu chaciná-lo.

Entre varios feitos atribuidos ao dedicado e estimavel correligionario do sr. dr. Silvestre Falcão, figura o de ter o referido Braz passado o melhor de cerca de tres mezes hospedado em casa de um nosso amigo, unica que ali recebe hospedes, auzentando-se por fim, sem pagar cinco reis.

Registamos no *Heraldo* estes dados biograficos do engemeno ex-administrador Braz, o celebre autor da insultante carta dirigida ao sr. dr. Afonso Costa, para que os nossos leitores possam aqui, latar a moralidade de tão conspicuo... cavalheiro.

Fez-se justiça

Realizou-se na penultima segunda feira em Evora, o julgamento do sr. Pedro de Aguiar, nosso ilustre colega do *Carbonario*, intemerato campeão da democracia, o qual respondeu por abuso de liberdade de imprensa e supostas ofensas á camara municipal.

Lidos os quesitos formulados, em numero de cinco, recolheu o juri, que passado pouco tempo apresentou ao presidente do tribunal as respostas que habiliaram aquele magistrado a absolver o nosso presado colega.

A sentença foi muito bem recebida. Felicitamos o *Carbonario* pela justiça que lhe foi feita e cumprimentamos o sr. dr. Julio Augusto Martins, ilustre advogado de defesa.

Padua Correia

Revestiu grande imponencia, constituindo uma verdadeira demonstração de pesar, o funeral do vibrante jornalista e ilustre deputado democratico sr. Padua Correia.

A beira da sepultura usaram da palavra, enaltecendo as nobilissimas qualidades do extinto, os srs. Simas Machado, em nome da camara dos deputados; dr. Afonso Costa, em nome do governo, e Antonio Maria Machado, pelo pessoal menor do congresso.

Em que pensa o belo secco

As principaes cogitações da mais bela metade do genero humano são, atravez da sua existencia, as seguintes:

Aos quatro anos, pensa em bolos.
Aos sete, só pensa nas suas bonecas.
Aos treze, pensa de dia e de noite no priminho.
Aos dezoito, afaga a ideia de casar.
Aos vinte e cinco, afaga o seu bebé.
Aos trinta e cinco, dá-lhe que pensar o primeiro cabelo branco.
Aos quarenta, chegam-lhe as primeiras rugas e os cuidados a que dão origem.
Aos cinquenta, a mulher pensa no passado.
Dahi para deante, nos filhos e no futuro deles.

A observação não é nossa e portanto pouco se nos dá que a leitora a classifique de falsa...

CANCIONERO DO POVO

Dizem pouco, muito ou nada
As fúbas dos malmequeres:
Els porque são semelhantes
Aos corações das mulheres

As nodos da roupa suja
Saíem todas com sabão;
Só não ha nada que tire
As nodos do coração.

Faça-se justiça!!!

Amantes da Republica e desejosos de que todos os seus principios tenham a alta significação que os seus grandes apostolos, desde sempre, lhes tem querido dar, levantamos nestas colunas, em prol duma senhora honesta e considerada professora, tão sequiosa de justiça, um grito de revolta, um alarme de necessaria indignação contra a imoralidade de que foi vítima a referida professora, cujo nome tem honrado esta nossa espontanea e alta missão.

Trata-se, como todos tem visto, da incansavel educadora e mestra carinhosa D. Inacia Anes Baganha Leal, que por suas virtudes é tão conhecida desde as camadas populares, que tantos beneficios lhes devem, até ás regiões officias do ministerio do Interior, que nunca lhe regateou os mais honrosos louvores.

E visto que todos a conhecem por tão justos titulos de merecida gloria, nenhuma suspeição poderá conter-se nas palavras com que pretendemos impôr esta campanha de moralidade.

Uma simples queixa contra um professor da extinta Escola Normal de Faro, provocou uma sindicancia que por sua vez determinou a suspensão de *tudo o seu pessoal docente*. Ninguém, depois da queixa respeitante a fatos anormaes que se passavam na escola, estranhou a sindicancia, mas também é certo que, divulgados e extremamente conhecidos por toda a cidade os motivos que determinaram essa mesma sindicancia, ninguém deixou de sentir e lastimar que a irreflexão condenavel ou a sanha criminosa do sindicante envolvesse nas teias da responsabilidade moral e juridica uma senhora altamente virtuosa e honesta, que por taes qualidades se deveria impor ao respeito de quem quer que fosse, se por ventura lhe não bastassem as honras de professora distinta, de propagandista memoravel e mestra carinhosa, que tanto aureolaram o seu nome.

E' desnecessario repetir o que como professora tem sido a sr. D. Inacia Anes Baganha Leal. O que todavia precisamos é não esquecer o que esta dignissima senhora terá soffrido com a triste suspeição que uma flagrante injustiça ha perido dum ano atirou sobre si. E deveremos também lembrar que é vexatoria a estabilidade da sindicancia, com todos os seus misterios, entre as poeiras e esquecimentos da respectiva solução final, pois não se compreende que na vigencia da Republica, neste anclado regimen onde a justiça devia assumir o primeiro logar, tenha fôtos de moeda corrente a ingloria desonestidade dos antigos tempos de dissoluta realza.

Faça-se, portanto, a necessaria justiça!

PRÓ ALGARVE

AS AMENDOEIRAS

Quando fevereiro parte,
despem elas o seu véo de flores.

Fevereiro, o mais pequeno e traquinas dos doze filhos do Ano, acaba de partir no *Sud-Express* do Tempo até ás longínquas regiões do Passado, deixando na inconsolavel viuvez do desalento essas pequenas noivas do campo — as amendoeiras — que á sua passagem, como sinal intimo de preferencia, vestem esse lindo e niveo véo de flores que constitue a mais deslumbrante *toilette* e a mais delicada essencia dos campos algarvios.

Fevereiro foi sempre o eleito de coração para estas mensageiras da Flor e mal ele vae a desaparecer, em correria veloz, nessa infinita poeira do Passado, logo as apraziveis amendoeiras, ricas e saudosas, despem tristemente o seu branco e perfumado véo de flores, oferecendo á sociedade da familia agricola o appetecivel fruto do seu noivado.

Todos os amendoeiraeis, ainda floridos, despedem ago-a os ultimos beijos a Fevereiro que partiu, e enquanto eles se entristecem nessa comovente e saudosa despedida, digamos nós algumas cousas da sua historia, visto que eles são fator bem

importante da vida agrícola do Algarve.

A amendoeira é uma árvore que só frutifica, com relação à Europa, na sua zona mais temperada, isto é, na parte meridional. Essa zona abrange Portugal, Hespanha, Itália, Grécia, Turquia e a faixa mediterrânea da França. É certo que se encontra ao sul da Escandinávia, na Inglaterra, norte e centro da França, etc., mas não frutifica, em consequência dos rigores do frio. Também existe nas regiões inter-tropicais, como por exemplo nas Antilhas, onde vegeta constantemente mas sem dar fruto, por excesso de calor, o que parece indicar que o repouso hiberna é indispensável para a sua frutificação.

Segundo alguns autores, a amendoeira é originária da Ásia e do norte da África, onde forma bosques importantes. Diz-se também que foram os romanos que a trouxeram para a Europa, mas há quem julgue que a sua introdução nas nossas regiões data de tempos muito mais remotos.

A amendoeira é a mais precoce de todas as árvores frutíferas, aparecendo as flores logo que a temperatura média se mantém a seis graus acima de zero. As geadas são para ela um inimigo terrível, sendo em consequência dessas intemperies que há anos mais abundantes de amendoeira e outros escassos. Uma geada mais intensa basta para destruir as esperanças entretidas no momento da aparição das flores.

É importantíssimo, quando se trata de fazer uma plantação de amendoeiras, escolher variedades que deem produtos de verdadeiro valor comercial. Também é importante conhecer bem as aptidões das variedades de amendoeiras que se desejem cultivar, a fim de evitar verdadeiros desastres por ocasião das geadas.

A amendoeira é uma das mais rústicas das nossas árvores frutíferas. Menos exigente que a oliveira, desenvolve-se e produz onde nenhuma outra cultura daria resultado. Convém-lhe admiravelmente as terras secas e quentes, contanto que tenham um sub-solo permeável. As terras fortes, argilosas, não lhe são favoráveis, ao contrário do que sucede nos terrenos calcários, onde se dá perfeitamente. Não exige terra fina, parecendo antes ter certa predileção pelos solos pedregosos.

A amendoeira não gosta de estar exposta ao norte, nem de terras fundas e frias. Por consequência deve-se evitar aquela exposição. As outras exposições são-lhe favoráveis.

Quanto às variedades de amendoeira podemos limitá-las ao seguinte: Amendoeira fina e amendoeira semifina; amendoeira de casca tenra é amendoeira de casca dura, e finalmente, amendoeira amarga.

A amendoeira fina é a mais procurada nos mercados, mas a árvore que a produz recente-se bastante dos frios, especialmente quando se acha em terreno exposto ao norte. As semi-finas são mais resistentes, havendo algumas verdadeiramente apreciadas. Quanto ao ser de casca tenra ou de casca dura, isso é questão de preferência. Relativamente à amendoeira amarga, é hoje de difícil colocação por ser pouco procurada.

Quem quizer cultivar a amendoeira deve em primeiro lugar conhecer o terreno e em segundo a variedade que vai plantar. É uma questão de cuidado e nada mais.

A esmo é que não se deve plantar, para se não dar o caso de um resultado negativo. Entre nós há variedades de amendoeira que competem com as melhores do estrangeiro. É por isso que o nosso comércio de amendoeira atinge ainda a média de 200 contos anuais, o que não deixa de ser relativamente importante.

Magros e gordos

A magreza—não confundir com magreza, que é a magreza por doença ou mau trato—é a gordura tem quasi todo o arrojado de estabelecer classificação e distribuição dos homens em duas ordens: os *homens magros* e os *homens gordos*. Tal qual, como se costumam distribuir por *altos e baixos*. Pois nenhuma razão há, num e outro caso, para semelhante separação ou coordenação. Ter mais ou menos substância adiposa, ser magro ou ser gordo, ter mais ou menos estatura, nada influe no valor, na inteligência, nas paixões pessoais de quem faz uso de qualquer de tais prendas. É, até fisiologicamente, a gordura é precisa para garantir os órgãos, manter-lhes a temperatura, diminuir a susceptibilidade nervosa e servir para a nutrição. Logo, antes do mais do que de menos, sob este ponto de vista.

Como mostra o significado de menos penetração, de menor agudeza de engenho, nem falar nisso é bom. Agora mesmo nos acodem, para não fatigar com exemplos, os nomes de dois homens, não somente gordos, ficando mesmo na gordura nimia que se chama obesidade, e ambos com faculdades notáveis de sentir, de julgar, de se apaixonarem pelos grandes ideais do belo. Sem os querer enterrar neste lugar de um modo mais explicativo, sempre diremos que um é um cantor distinguíssimo, orlundo

de uma nobre família; e que o outro, já falecido, foi um homem que Lisboa, na sua falta de gratidão, conhece mais e melhor por ter tido uma confeitaria, do que por ter planejado e começado a abrir essa grande obra que se chama a *Avenida da Liberdade*. E como sucedeu com os homens baixos e altos; nada pôe e nada tira. O conde de Casal Ribeiro, já falecido, era de bem pequena estatura; Antonio Rodrigues Sampaio, pelo contrario, era um colosso; pois bem, eram ambos, igualmente, de enorme grandeza pelo espirito, pelos sentimentos, pela elevação do talento e do caráter. Logo, se os *homens não se medem aos palmos*, também se não medem em circunferencia.

Posto isto, como objeto de curiosidade, e para dar uma ideia das formas e dos contornos tão variados do organismo humano, —gordos e magros em excesso—de que se faz menção na literatura medica. Assim, Ellintson descreve o caso de uma criança do sexo feminino que, na idade de um ano, tinha de peso 30 kilos; Tulpius fala de uma outra de 5 anos que pesava 75 kilos; Bartholinus cita uma criança de 11 anos, do peso de 100 kilos; e Grissius narra que observou uma criança apenas de 12 mezes, de tal modo gorda que estava sempre suba ameaça de abafar com tanto tecido adiposo, mas que, aos 3 anos, perdeu aquela exorbitancia de gordura e adquiriu formas delgadas e airozas.

Deixando as crianças, e tratando de adultos ou mesmo dos homens, apontam-se, um tempo antigo, como excessivamente gordos, Agessilas, o celebre orador Licinius Calvus, e o ator Lucius. Nos tempos modernos, os barrigudos mais famosos são Guilherme, o conquistador; Carlos, o Gordo; Henrique I, rei de Navarra; Henrique 3.º, Sancho I.º, o poeta italiano Bruni; Virronne, general de Luiz 14.º; Frederien I.º, rei de Wariemburg; o botânico Dileuius, e Luiz 18.º. Mas a todos estes obesos ganhava o premio, como *pan-gudo*, um inglez, nascido em 1770, de nome Daniel Lambert, o qual, aos 23 anos, tinha de peso 220 quilos, aos 39 anos pesava perto de 370 quilos, e media de circunferencia apenas 3 metros! Com uma das mangas da camisa que usava, podia vestir dois pés à cabeça uma pessoa de pequena estatura. Parece que os medicos tem um certo pendor para serem gordos; Wadd, que escreveu um excelente tratado acerca da obesidade era um barrigudo de primeira ordem; e do dr. Beddus se refere que lhe tinham posto uma alcinha, de que muito chasqueia o mesmo dr. Wadd, acima citado, o bem ajustado sobrenome de: *cama de casados ambulante*. E para o dr. Stafford, que era desmarcado na gordura, foi composto o epitaphio seguinte.

*Ami passant, prends garde,
marche doucement:
Car toi est couché le Dr. Stafford
dans tout le cimetière.*

São do jornal de Paris *La Vie Médicale* estas curiosas notas.

Dupuytren conta a historia de uma mulher, Maria Clay, que mendigava, mas que, apesar de passar muitas privações, e até mesmo fome, foi engordando sempre. Aos 40 anos media, na região dos seios, mais de um metro de circunferencia. E mais se conta que, em Plaisance, por ocasião da exposição de 1889, um empresario contrahou para exhibir ao publico, uma *menina gorda* do bonito peso de 235 quilos. Chegada a ocasião, não puderam 8 homens tirá-la e transportá-la do quarto para fora, pelo que o empresario quebrou o contrato.

Aos casos de excessiva gordura, opõem-se os de excessiva magreza. Mas, em verdade, não os encontramos mencionados com tanta frequencia como os da primeira especie. Claro está que não aludimos, neste lugar, aos casos de extrema magreza por atrofia muscular que diretamente são do dominio da patologia. O record da grande magreza parece dever ser debatido entre Hopkin, que nunca teve mais de 9 quilos e que morreu com o peso de 6 quilos; e Claudio Seurat, denominado o *esqueleto-vivo*, exibido em Inglaterra no ano de 1825. As pulsações do coração eram nitidamente visiveis; gosou sempre uma excelente saude.

Se me deixam meter também a minha colherada no assunto, direi que a experiencia dos homens e dos acontecimentos me tem sugerido o dogma seguinte:

O gordo é sempre um bom; o magro... nem sempre.

G. E.

Reclamação

Muitas pessoas se tem queixado contra a encarregada da caixa postal da Conceição de Tavira, pela incorrecção que ali se tem cometido.

Consta-nos que as correspondencias, mesmo as officaes, não vão parar ao seu destino e são devolvidas aos proprios remetentes, sem que tenham chegado aos seus destinatarios.

Isto é um abuso intoleravel e pedimos com insistencia ao sr. Director dos Correios, que dê as mais urgentes providencias para evitar tão grande prejuizo, que é pernicioso para toda a freguezia.

AUTOMOVEL NOVO

Aluga-se. Trata-se com Armand Ignácio Pires.
Rua Primeiro de Dezembro 52—Faro.

CONTOS E NOVELAS

A DANÇA DAS FOLHAS

Assim se intitula um dos capitulos do interessante livro de Jacollot—a que aludi no passado numero e que, por me parecer extremamente curioso, não hesito em transmitir aos leitores do *Heraldo*.

Habitava eu Pondichéry, capital das nossas possessões no Carnati, havia alguns anos, diz o illustre escritor, quando uma manhã, quasi ao meio dia—o meu *dobachy*, creado de quarto—me veio anunciar que um fakir pedia para visitarme.

Eu deixara a Europa sem ter a menor ideia dos phenomenos que os espiritos attribuem aos seus *mediuns*. Ignorava até os principios sobre que repousa esta *fé*, que eu julgava nova e que sei hoje ser tão velha como os templos da India, da Caldeia e do Egipto, porque todas as religiões começaram pela crença nos espiritos e nas manifestações exteriores, que são a origem da pretendida revelação celeste. Eu nem sequer vira ainda uma simples meza mover-se sob a imposição das mãos; as *exaggerações da crença no invisivel*, de que os adeptos convilos acompanhavam sempre as suas narrações, semelhavam-se de tal forma, aos extasis, ás aparições misteriosas e a todo o arsenal do catolicismo, que, até então, jámais tivera a ideia de assistir a taes experiencias que, de resto, se iam vulgarisando por toda a parte.

Quanto aos fakirs indios, tomava-os por simples prestidigitadores e mandava-os despedir sempre que se me apresentavam.

Todavia, ouvindo falar constantemente da sua maravilhosa habilidade, quiz saber o que devia pensar a tal respeito. Mandei entrar o indio e recebi-o em uma das varandas interiores da minha habitação.

Fiquei admirado com a sua magreza. Tinha o rosto descarnado de um asceta, e os seus olhos, que pareciam semi-apagados, deram-me uma sensação quasi igual à que eu já sentira ao contemplar os olhos glaucos e, imoveis dos grandes tubarões do Oceano.

Esperando-me, sentara-se sobre o marmore do pavimento; assim que me viu, levantou-se lentamente, e, inclinándose com as mãos na frente, murmurou estas palavras:

—Saranai aya (salve, respeitavel senhor) eu sou Salvanadin-Odear, filho de Canagarayen-Odear. Que o immortal Vishnou proteja os teus dias!

—Salam Salvanadin-Odear, filho de Canagarayen-Odear; possas tu morrer nas sagradas margens do Tircangy, e que esta transformação seja para si a ultima—respondi.

—O sacerdote do Pagode, continuou o indio, disse-me esta manhã: Vae respirar ao acaso, como os passaros na extensão dos arrozais, e Ganéza, o deus que protege os viajantes, conduziu-me á tua habitação.

—Sê bem vindo.

—Que desejas tu de mim?

—Dizem que tens a faculdade de comunicar o movimento aos corpos inertes, sem o auxilio do tato, muito gostaria de verte realizar tal maravilha.

—Salvanadin-Odear não tem tal poder; apenas sabe evocar os espiritos que veem auxilia-lo.

—Pois bem, que Salvanadin-Odear evoque os espiritos e me patenteie o seu poder. Apenas eu proferir estas palavras, o fakir sentou-se de novo, collocando a sua varinha de sete nós entre as pernas cruzadas, pediu-me para lhe mandar fornecer sete vasos cheios de terra, sete varinhas de dois covados de comprimento, e sete folhas tiradas de qualquer arvore. Logo que estes diferentes objetos lhe foram trazidos, sem mesmo lhes tocar, mandou-os collocar em linha horizontal, aproximadamente a dois metros dos seus braços estendidos; seguidamente pediu ao meu creado para enterrar em cada vaso uma das varinhas e bem ao meio uma das folhas pedidas.

Cada folha desceu ao longo da varinha e veio encostar-se á terra do vaso... Feito isto, o fakir ergueu ambas as mãos acima da cabeça e eu ouvi-o pronunciar distintamente, em lingua tamula a evocação seguinte:

—Que todos os poderes que velam sobre o principio da materia me protejam contra a colera dos espiritos maus, e que o espirito immortal que tem tres formas me liberte da vingança de Jama.

Ao terminar, ele estendeu as mãos em direcção dos vasos e ficou imovel como que em extase...

De tempos a tempos os seus labios agitavam-se como se continuasse uma evocação oculta, mas nenhum som afetava meus ouvidos...

Eu seguia todo este aparato com um indisivel sentimento de curiosidade, e com o sorriso nos labios...

De subito pareceu-me que uma leve aragem vinha docemente agitar os meus cabelos e fustigar o meu rosto, como essas brisas da tarde que circulam no ar, nos tropicos, depois do pôr do sol. E to-

davia as largas cortinas de palha que guarneciam os espaços vastos entre as colunas da varanda ficavam imoveis.

Acreditei num erro de sensação, mas o phenomeno renovou-se diversas vezes, seguidamente...

No fim, pouco mais ou menos, de um quarto de hora, sem que o fakir tivesse deixado a sua posição, as folhas começaram a subir insensivelmente, até toda a altura das varinhas, descendo depois também gradualmente.

Aproximei-me e segui estes movimentos com a mais curiosa das atenções...

Foi com uma vivissima commoção, devo dizelo, que verifiquei a ausencia completa de toda a comunicação visivel entre o indio e as folhas.

Passai e tornei a passar muitas vezes no espaço que separava o magnetizador dos vasos de terra e nenhuma interrupção se produziu na ascensão ou na descida das folhas, que pareciam dançar enfiadas nas varinhas... Depois pedi para verificar tudo, o que me foi concedido sem relutancia; irrei as folhas das astes, as astes dos vasos, vasei a terra que eles continham no marmore da varanda e coisa alguma encontrei que pudesse explicar-me tão surpreendente mysterio.

Extraordinarissimo, não é verdade?

Lyster Franco.

POETAS

DESLUMBRAMENTOS

Mylady, é perigoso contempla-la
Quando passa aromática e normal,
Com seu tipo tão nobre e tão de sala,
Com seus gestos de neve e de metal.

Sem que n'isto a desgoste ou desentade,
Quantas vezes, seguindo-lhe as passadas,
A vejo, com real solenidade,
Ir impondo *toilettes* complicadas...

Em si tudo me atrai como um tesouro!
O seu ar pensativo e senhoral,
A sua voz que tem um timbre de ouro
E o seu nevado e lucido perfil!

Ah! Como me estonteia e me fascina...
É a graça distinta do seu porte,
Como a Moda superflua e feminina,
E tão alta e serena como a Morte!

Eu hontem encontrei-a, quando vinha,
Britânica, e fazendo-me assombrar;
Grande dama fatal, sempre sosinha,
E com firmeza e musito no andar!

O seu olhar possui, num jogo ardente,
Um arcanjo e um demónio a illumina-lo,
Com um florete fere agudamente,
E afaga com o pelo de um regulo!

Pois bem, conserve o gelo por esposo,
E mostre, se eu beijar-lhe as brancas mãos,
O modo diplomatico e orgulhoso
Que Ana de Austria mastrava aos cortejos.

E enfim prosiga altiva como a Fama,
Sem sorrisos, dramatica, coriante;
Que eu procure fundir na minha chama
Seu erno coração, como a um brilhante.

Mis cuidado, Mylady, não se afrite,
Que hão de acabar os barbaros reaes;
E os povos humilhados, pela noite,
Para a vingança aguçam os punhaes.

E um dia, ó flor do Luxo, nas estradas,
Sob a setim do Azul e as andorinhas,
Eu hei de ver errar alucinadas,
E arrastando farrapos—as ruínas!

CEZARIO VERDE.

MORCEGOS E TOUPEIRAS

A "Carta-proposta"

Quando no comboio nos encontramos, á ida para Lisboa, reconheci que a D. Maria Caetano ia lacrimosa. E' que a morte horrorisava-a, apesar de muito sofrer, e só lhe vinha á mente que não mais voltaria á sua tão querida casa. Confortei-a, como era do meu dever. Passou Olhão, passou Faro. Por alturas de Santa Barbara de Nexe, a D. Maria de Brito Gil tornou de novo a chorar. Lamentava-se sobretudo da sua morte. Que nada absolutamente nada a prendia á vida e não ser a sua casa e a sua hora...

Deu-nos, depois a conhecer, num rosario imenso, as saudades que havia do tempo em que seu pobre pae (que tão depressa morreu, dizia ela) a chamava, a sentava no regaço e lhe mostrava os encantos daquelle horta E referia, então, que o que mais a penalizava era que um dia viesse a dividir-se, como era natural, ou que viesse cair nas mãos de quem ela não queria. Obtemperamos-lhe que, se tal era o seu sentir, bem podia evitar que isso acontecesse. *Se quizesse, nós comprava-mo-la, e assim, longe de ir parar a quaesquer mãos, ou de ser dividida, dividiria o dinheiro.* Disse-nos que de modo algum desejaria que se dissesse também que ela a vendeu.

Baseada, porem, nessa proposta, que é o que ha de mais legitimo e desinteressado, e porque desde muito nos vinha pedindo que abonassemos aos seu herdeiros a quantia de que precisassem para pagar as transmissões, e ainda pelo que na véspera acabara de ver (ameaça do sr. Soares para levantar questões com os herdeiros) deu á conversa a feição que entendeu. Referiu-se então longamente á sua doença e mostrou quão grata nos era

pelos serviços de toda a ordem que lhe havíamos prestado, momentaneamente, dizia ela ainda, salvando-lhe a vida. (Isto mesmo já o havia comunicado a algumas pessoas.) Por isso nos havia de recompensar, visto que já tinha tenção de alterar o seu primeiro testamento em algumas das suas partes, pois que nele havia coisas que não estavam ao seu gosto. Uma delas dizia respeito aos seus testamentarios, pois que a sua ideia era collocar o seu cunhado João Gil como primeiro testamentario. *Ha disto testemunhas insuspeitas.* A outra referia-se á sua casa da Alagoa. Não se esqueceu também de fazer considerações a respeito de um casamento em que *lhe haviam falado*.

A conversa finilou-se e ficamos sabendo que a doente, no seu leito de dô, observava com olhos de vêr e via as coisas por um prisma por que nós ainda as não tinhamos visto. No dia 2 acompanhiei-a á Casa de Saude e logo parti para Cintra, onde cheguei ás 6 da tarde. Ao outro dia de manhã, escrevi-lhe e ella escreveu-me também afim de verificar se as cartas iam bem aos seus destinos e quanto tempo levavam. Nessa carta, que hoje possuo, dizia-lhe apenas que havia chegado bem. Ao outro dia, domingo 4, foi, como prometera, á Casa de Saude. Indagando se a doente recebera a minha carta, respondeu-me que não, motivo por que a julguei perdida. Não me lembrara que por ser domingo não distribuia a correspondencia. Encetada a conversa, falamos sobre a sua doença, do seu tratamento, das suas esperanças, etc.

Falou-nos outra vez da modificação do seu testamento. Como no dia da partida vissemos a orientação da D. Maria Caetano e como nos ficara na ideia a presunção que ella manifestára de que a horta poderia vir a cair nas mãos de quem ella não desejava, propuzemos-lhe, em vez da compra, uma escritura de doação onerosa, e em vez do dinheiro os encargos que lhe equivallessem.

Sendo assim, nem a horta seria vendida nem seria dividida. *Nem cairia nas mãos de quem ella não quizesse; beneficiaria os herdeiros e ficaria ella ainda senhora direta da propria horta.* Nós tomavamos sobre os hombros certos encargos, que bem olhados, eram talvez grandes de mais em relação aos beneficios, o que de resto ainda é hoje o nosso modo de vêr. Adiante aduziremos os beneficios e os encargos, para se provar, como já dissemos, que, longe de uma grande herança, como varios idiotas caluniosamente propalaram, só ficamos com um logar de recreio que nenhum lucro nos dará.

Como pela conversa a doente não pudesse fixar os encargos de que lhe falamos e visto que por outro lado não desejavamos proceder de modo a que se supuzesse que muito prometiamos para depois faltar em momento oportuno, fomos para Cintra com a ideia de definir uma proposta que nos não *envergonhasse*, como na carta dizemos. Para nós, como para muita gente que sobre o assumto temos consultado, o caso nada tem de extraordinario, pois estavam no direito de fazer a proposta que fizemos é a D. Maria de Brito Gil tinha o direito de aceitar, momentaneamente assumindo encargos que nela se contem. Se o caso envolve-se dôlo, coação, ou má fé, como asnatamente para ahi algum levantou, comprehendese que usassemos de cautelas e reservas, de que não usamos.

Havendo da nossa parte o intento de explorar, se usassemos de má fé, então comprehendese que outro seria o nosso procedimento. Tomar encargos que quasi egualam a receita, se é que a não sobrepujam; como adiante exporemos, não é como qualquer alma ruim imagina, uma exploração.

Se lívessimos sobre a doente a influencia que um despeitado imaginou, e se usassemos da má fé que aqueles que de nós tem julgado mal, seriam capazes de usar, então comprehendese que outro seria o caminho que trilhassemos. Longe de tomar encargos, que são osso, tomaríamos a carne sem osso.

Só não vê isto quem fôr estúpido, ou essencialmente preverso.

Cremos bem que os nossos inimigos, se tivessem estado nas condições de proponentes, não usariam da nossa lealdade e do nosso desprendimento. Na carta fiz referencias a todos os herdeiros em geral e á criada Virginia muito em especial. Ocupamo-nos desta mais detidamente, porque varias vezes, na Conceição, como no comboio, a D. Maria de Brito Gil nos fez varias considerações a seu respeito. Referiu o seu provavel casamento, razão pela qual restringiu os legados aos seus dois filhos atuais. Que estes quando casassem e vindo que a horta lhes não ia ter logo ás mãos, viriam a vender o direito de propriedade a quem ella nunca o desejaria. Que a Virginia não sustentaria também o usufruto por muito tempo e que, precisando de dinheiro e desejando afastar-se do monte, como era provavel, que o fizesse, não deixaria da vender, ou mesmo de não se importar muito com elle.

A doente disse-nos muitas vezes, em momentos que com ella se zangava e que nós sempre procuramos acalmar, como pôde ser testemunhado, que, se lhe conhecia as virtudes, também lhe conhecia os defeitos. Nós não lh'os conhecemos, nem isso nos deverá ser preciso. Mas a doente prestava-lhe toda a attenção. Não

o fazia, porém, sem reconhecer que a deixava compensada em demasia.

Foi por este motivo que ela se referiu á pensão, em condições semelhantes á que havia sido deixada por seu marido. E para se ver que isto assim foi, bastará notar que a pensão foi elevada de 120 a 200 reis por dia, e sem encargo algum. Isto era, como é, a garantia de vida da Virginia, além do muito mais que lhe ficava, como pôde ver-se dos testamentos.

A par destas considerações, foram ponderadas as dificuldades que a própria Virginia teria em solver certas obrigações, ou em anuidades, com os direitos de transmissão relativamente á Horta nova, á Horta velha, ao Monte, e a uma quinta parte do terreno acima do caminho de ferro, ou duma só vez, como os direitos de transmissão relativamente aos moveis e a uma parreira de mulas das melhores. Que teria além disso, conjuntamente com os outros herdeiros, de cobrir varias despesas, sendo algumas importantes, como por exemplo: o funeral, a farmacia, o medico, os legados, a leira em divida, etc.

Ficaria-lhe ainda, para final ajuste de contas, a questão que o sr. Domingos José Soares já havia prometido levantar, como se demonstra pela recusa das contas e por uma carta muito extensa que o sr. Soares escreveu e que nós conservamos até ao momento oportuno.

Isto, já se vê, sem entrarmos em consideração com os serviços pessoais do sr. Domingos Soares, á razão de 6.000 reis em cada dia!!! Sendo assim, que admira que a legataria e herdeira Virginia desistisse do usufruto, sabendo que a propriedade pertencia á seus filhos? E assim não ficaria mal, muito mal, na dependência dos filhos e em breve de suas nórias? A Virginia tem hoje conselheiros que lhe podem dizer quanto as mães sofrem quando estão na dependência dos filhos!! Oni quantas desejariam, em circunstâncias bem diferentes, receber o que ela recebe!

Se assim fosse, já a fome lhes não bataria muitas vezes á porta.

Isto foi o que nós sentimos e porque sinceramente o sentimos, assim o dissemos.

Por ultimo, só nos cumpre tirar o sentido geral da carta-proposta.

A coação, ou imposição que lhe attribuem só existiu na catea de algum imbecil ou na consciencia de algum troca tinto. Para que o publico avalie da má fé de quem nos acusa, bastará que leia nessa carta a segunda passagem:

Não me arrego de direitos a que me poderia dar luz a sua amizade. Tudo isso em ponho de lado. Considere-me um extranho e avalle do que lhe propuz. Livre como é, poderá resolver como entender, na certeza de que me não magoa pelo fato de me dizer: Não.

Já veem os nossos adversarios que era até como extranho e numa ocasião em que não eramos seu medico assistente, que submetiamos ao seu parecer a proposta, com a folha de encargos, que foi grande como se verá. Antes, porém, de fazermos essa publicação, cumpre-nos outra coisa: é a publicação da carta a que nos temos referido. Por ela se verá até que ponho tem chegado as torpes e caluniosas invenções de quem, para lhe dar vulto, a releve como sendo um precioso tesouro. Se a carta tivesse alguma coisa de deprimente e comprometedora para nós, decerto ela já estaria publicada pelos nossos inimigos.

Assim, não lhes convinha, porque... acabava a exploração. Felizmente que o publico vai conhecendo os exploradores e sabendo das más intenções e das causas do seu muito sujo procedimento. Haviamos prometido o publicação da carta, mas só agora a fazemos, por ha pouco nos ter chegado ás mãos.

Ela ali vac na integra para se vêr a serie de infamias que a respeito da mesma se disseram.

Tavira, 6 de Março de 1913.

Antonio Francisco de Sousa.

Chalet Daniel Tavares — Rua Visconde de Faro e Oliveira, Cintra, 6-8-912.

Minha boa amiga:

Não ficaria bem com a minha consciencia, se lhe não escrevesse a respeito do assunto em que no domingo lhe falei.

Registo a carta para ter a certeza de que lhe vai ter ás mãos, não vá acontecer o mesmo que á outra. Sei, como lhe disse, que tem o espirito lucido, sei que sabe ajuizar de tudo em que se lhe fala; é inteligente, mais do que muitos imagiavam, e é completamente livre para proceder como quizer e melhor lhe parecer. Essa a razão por que do caso me ocupei. Não obstante isso, puz-me depois a reflectir que qualquer coisa lhe podia passar que a fizesse ajuizar mal das minhas intenções, motivo por que lhe escrevo.

Não lhe apresento como valiosos os serviços que lhe tenho prestado, já porque em meu lado entender pouco valor tem, já porque lh'os tenho prestado no desejo de a melhorar, quer fisica, quer moralmente. Não me arrego de direitos a que me poderia dar jus a sua amizade. Tudo isso eu ponho de lado. Considere-me um extranho e avalle do que lhe propuz. Livre como é, poderá

resolver como entender, na certeza de que me não magoa pelo fato de me dizer: Não.

O conjunto de encargos que eu tomaria é muito grande e talvez grande demais, se não me dominasse a ideia de ajudar, no que estiver ao meu alcance, os seus herdeiros ou legatarios.

E' bom ter presente que eles não ficam com o que a senhora lhes deixa, mas com isso é mais um encargo pesado que alguns hão de ter dificuldades em resolver. Citei-lhe a criatura que bem conhece e que bem lhe merece toda a atenção, a quem deixa a horta. Essa criatura terá de pagar, pelo menos, um cunio e quinhentos mil reis, entre direitos de transmissão, funeral, testamentario e mais qualquer despesa imprevisita. Para o conseguir terá de empenhar alguma coisa. O que? O usufruto? Ninguém lhe emprestará dez reis, sabendo que, se ela morresse ao outro dia, perderia tudo. E se lh'o emprestassem, que juro lhe não levavam para negocio tão arriscado? E aqui está o que aconteceria. Supondo a senhora que a deixaria bem e independente ficava mal, muito mal, creia-o.

A propria, se lhe expusessem a verdade, seria a primeira a reconhecer que não ficaria bem. Melhor fica, pois, com as duas partes acima do caminho de ferro, com uma terça parte da casa, por exemplo, para viver, e uma pensãozinha. A pensão livra-la de apuros, não teria as preocupações das despesas com a horta, que não devem ser pequenas, mormente tornando-se necessario fazer novas plantações, por serem bichosos muitos dos frutos que de lá saem. A horta, como lugar de recreio, merece todos os sacrificios; como elemento de receita, nas condições em que está e a recebe, não sei se lhe valerá a pena, se é que, como disse, não tiver de desistir do usufruto por ninguém lhe emprestar dinheiro sobre ele. Em papel á parte explico os encargos a que me referi. Envio-lh'os apenas para não fazer mau juizo a respeito da minha proposta.

Logo que ali vá, pedir-lh'o-ei, pois só vai para a elucidar, muito embora eu não envergonha. E já agora deixe-me dizer-lhe apenas que o meu desejo nasceu somente de me penalizar que aquele jardinzinho vá, mais dia menos dia, ser dividido e malharado, fazendo esquecer o conceito e a estima em que seu falecido pae o tinha.

Com a maxima consideração se subscreve

Amigo Obrigado

Antonio Francisco de Sousa

O AMOR

II

Os casamentos de amor são efetuados no interesse da especie e não em proveito do individuo.

E' verdade que os individuos imaginam trabalhar pela sua propria felicidade, mas o verdadeiro fim é-lhes estranho, pois não é outro senão a procreação de um ser que só é possível para eles.

Obedecendo ambos ao mesmo impulso devem naturalmente procurar entender-se ambos o melhor possível.

Mas muitas vezes, graças a essa ilusão instintiva que é a essencia do amor, o casal assim formado encontra-se em tudo o mais em absoluto desacordo.

Vê-se isto bem, logo que a ilusão se desvanecer fatalmente.

Então succede que os casamentos de amor são bastante regularmente infelizes, porque asseguram a felicidade da geração futura, mas á custa da geração presente.

Quem se casa por amores, ha de virar com dores, diz o proverbio hespanhol.

Succede o contrario nos casamentos de conveniencia, concluidos a maior parte das vezes por escolha dos paes.

As considerações que atuam aqui, de qualquer natureza que possam ser, tem pelos menos uma realidade e não podem desaparecer por si mesmas.

Estas considerações são capazes de assegurar a felicidade dos esposos, mas á custa dos filhos que deles devem nascer e ainda assim essa felicidade é problemática.

O homem que, quando se casa, se preocupa mais ainda com o dinheiro do que com a sua inclinação, vive mais no individuo do que na especie, o que é absolutamente oposto á verdade, á natureza, e merece improfundo desprezo.

Uma rapariga que, apesar dos conselhos de seus paes, recusa a mão de um homem rico e ainda novo, e regeita todas as considerações de conveniencias, para escolher segundo o seu gosto instintivo, faz á especie o sacrificio da sua felicidade individual.

Mas justamente por causa disso, não se lhe pode recusar uma certa aprovação porque ela preferiu o que importa mais que o resto e atua no sentido da natureza (ou mais exactamente da especie), enquanto que os paes a aconselhavam no sentido do egoismo individual.

Parece, pois, que na conclusão de um casamento seja preciso sacrificar os interesses da especie ou os do individuo.

A maior parte das vezes assim é, tão raro é ver as conveniencias e a paixão andarem de mãos dadas.

A miseravel constituição fisica, moral ou intelectual da maior parte dos homens provém sem duvida em parte dos casamentos serem concluidos habitualmente não por escolha ou inclinação pura, mas por considerações exteriores de toda a

especie e segundo circunstancias accidentaes.

Quando, ao mesmo tempo que as conveniencias, a inclinação é respeitada até certo ponto, é como se se fizesse uma transacção com o genio da especie.

Os casamentos felizes são como se sabe, muito raros; justamente por ser da essencia do casamento o não ter principalmente por fim a geração actual, mas sim a geração futura. Todavia, acrescentamos ainda para consolação das naturezas ternas e amantes, que o amor apaixonado se associa por vezes a um sentimento de origem inteiramente diverso: refiro-me á amizade, fundada sobre o accordo de caracteres; mas essa amizade não se declara senão depois do amor se extinguir no goso.

O accordo das qualidades complementares, moraes, intellectuaes e fisicas, necessario sob o ponto de vista da geração futura para fazer nascer o amor, pode tambem, sob o ponto de vista dos proprios individuos, por uma especie de opposição concordante de temperamento e de caracter, produzir a amizade.

Schopenhauer.

POR ESSÉ ALGARVE

Almaneil

Foram a Faro a sr.^a D. Maria da Luz Correia Cristovam, acompanhada das suas filhas D. Maria das Dores Correia Cristovam e Maria da Gloria Cristovam, e a sr.^a D. Maria Angelica Duarte.

—Encontra-se gravemente enfermo o nosso amigo e correligionario sr. Joaquim Isidoro, 2.^o cabo artilheiro da armada, que no domingo foi agredido com uma paulada por um homem que o assaltou na estrada. Pedimos providencias ás autoridades.

Estoi

Um crime passionnal acaba de impressionar vivamente todos os habitantes desta freguezia e proximidades, onde, felizmente, são raros os casos desta natureza.

Um tresloucado moço, João da Adora, do sitio da Jordana, freguezia de Moncarapacho, e que apenas contava dezoito annos de idade, tentou assassinar a tiros de revolver, Rosa das Neves, natural e residente no sitio da Alcaria da Cova, desta freguezia.

Para cumprir tão criminoso intento, procurou a rapariga em sua propria casa, aproveitando a ausencia da familia para praticar o crime.

A Rosa, que foi atingida por dois tiros, nenhum dos quaes lhe causou a morte, deve á sua coragem e á resistencia que opoz ao assassino o pertencer ainda hoje ao numero dos vivos.

Mal ferida, a Rosa teve contudo forças bastantes para resistir ao tresloucado, que tentava conduzi-la ao quarto, sem duvida para ali acabar de mata-la.

Aos gritos da vitima o criminoso poz-se em fuga. Antes, porém, voltou contra si o revolver disparando dois tiros, que não lhe causaram dano algum, pelo que foi enforcarse com uma cinta, numa alfarrobeira proxima do local do crime.

Afim de prestar os seus socorros á vitima, foi chamado a toda a pressa o distincto clinico sr. dr. Candido de Sousa, que a fez transportar para Faro, afim de lhe serem extrahidas as balas, uma das quaes se lhe alojou na cabeça.

Este acontecimento surpreendeu todas as pessoas que conheciam o João da Adora, geralmente considerado como bom rapaz.

Já está felizmente restabelecido o sr. Manuel Lopes, pelo que felicitamos sua extranea esposa, a sr.^a D. Umbelina Perru do Lopes.

—Encontra-se em Quarteira, em casa da sr.^a D. Maria Santana Flores, mui digno encarregado da estação telegrapho-postal daquella localidade, a menina Maria do Carmo Palmeiro, filha muito querida do nosso prezado amigo sr. Francisco Martins Palmeiro.

NOTICIARIO

Deixou de fazer parte da administração do Carbonario o sr. Tavares Grelo.

—Vimos em Faro o nosso prezado amigo sr. Verissimo Manuel Martins, conceituado professor oficial da freguezia de Estoi.

—Tivemos o prazer de abraçar nesta redação o nosso dedicado amigo e prestimoso correligionario sr. Giberto Dias Madeira, do Azinhal.

—Foi nomeado substituto do juiz de paz de Alcoutim o sr. Manuel Rodrigues Pereira.

—Acompanhada de sua filha partiu para Lisboa a sr.^a D. Maria Luiza Navarro Belmarça.

—Partiu para Lisboa o sr. João de Sousa Uva.

—Acompanhado de seu filhinho esteve hontem em Faro o sr. dr. Antonio Francisco de Sousa, digno delegado de saude em Tavira.

—Partiu para Lisboa o sr. Hermosiles Ribas.

CARTEIRA

Fazem annos:

Amanhã, domingo — D. Leira de Vasconcelos Pontes, D. Luiza Eugenia Cardoia, D. Maria Emilia Sales Batista, D. Elvira Viegas Pereira, dr. João Peres Ponce e San-

SAPATARIA DA MODA

DE

José Vicente dos Santos

Grandioso sortimento de calçado em todos os generos e qualidades, e demais artigos respeitantes á sua arte.

Modelos chics de inexcédível bom gosto. Suprema elegancia e barateza Esmerada confeção e bom acabamento

Rua de Santo Antonio, 48, 48, A.

FARO

ANUNCIO

(2.^a publicação)

No dia 9 do corrente mez, pelas 12 horas, á porta do tribunal judicial desta cidade, se hade pôr pela segunda vez em praça, visto não ter tido lançador no primeira, e por metade do seu valor, uma courela de terra no sitio do Azinhheiro, freguezia de Estoi, e cuja venda foi annunciada no Distrito de Faro de 13 e 20 de fevereiro ultimo.

Faro, 3 de março de 1913.

O escrivão,

José Joaquim Peres.

Verifiquei a exatidão,

O juiz de direito,

Dias Ferreira.

CHAVES

Estão depositadas nesta redação umas chaves de cofre, achadas por José Valentim da Costa e que serão entregues a quem provar que lhe pertencem.

Dinheiro a juros

Quem pretender dirija-se a D. Joaquina Leal Guerreiro.

Rua Infante D. Henrique 147—Faro.

ARRENDAR-SE

Uma propriedade denominada *Malhão do Bispo*, com casas e terra de semear, no sitio das Corgas Bravas, freguezia de S. Braz.

Trata-se com José de Sousa Gago, do sitio de Bordeira, freguezia de Santa Barbara de Nexe.

LIVRO SENSACIONAL

MIREIA

FOR

Frederico Mistral

Livro traduzido em quasi todas as linguas do mundo, *Mireia* acaba de ser traduzida em portuguez pelos escriptores distintos João Aires de Azevedo e Manuel Teles. *Mireia* é considerado livro tão bello como a «Odisséia» de Homero.

1 vol. de 256 pag. preço, br. 500—enc. 700

Livraria Portucense, de Lopes & C.^a PORTO. Em Lisboa — Livraria Ferreira e Livraria Brasileira — R. do Ouro.

ANUNCIO

Arrenda-se uma propriedade com regadio e sequeiro denominada a *Corte*, no sitio dos Juncaes, freguezia de S. Braz de Alportel. Para tratar, com José Mendes Pinto, de Santa Barbara de Nexe, sitio dos Gorjões.

—J. SILVA NOBRE—

MEDICO-CIRURGIAO

Ex-interno dos hospitais de Lisboa

Garganta, nariz e ouvidos — Doença das senhoras — Tratamento da sífilis e das seções rebeldes pelo 606 de Ehrlich.

Clinica Geral — Operações CONSULTAS A'S 11 H RAS

Vinhas, vinhos e prados

A. VENANCIO PACHECO

Br. 600 reis.

Atenção

Por motivo de retirada para Lisboa

Vende-se por preços convidativos o seguinte: —Mobilia de sala, estilo Luiz XV; de casa de jantar, estilo Henrique II; de quarto, em nogueira de polimento; cadeiras e sofás de verga; uma maquina de costura; vidros e louças; uma secretaria á ministro, e respectiva cadeira, de pau santo; um cofre á prova de fogo; um piano, um predio de casas na rua Camões, com o n.^o 19; uma outra casa em Estoi; um mylord; uma magnifica parrelha de cavalos.

Tambem se passam algumas escrituras de hipotecas.

Quem pretender dirija-se á rua Carlos da Maia, 17 em Oihão.

EMPREGADO

Precisa-se com boa apresentação e referencias. Bom ordenado. Leitaria Central—FARO.

A MODA DE PARIS N.º 9

PRIMAVERA E VERÃO DE 1913

MIL FIGURINOS MIL

Grande livro para senhoras e crianças! E' escusado recommendá-lo, para se ficar sabendo que não ha melhor nem mais chic, nem mais barato. Pela quantidade de figurinos que contém, bate o record de todos os livros do seu genero. Este livro teve em Portugal a extraordinaria tiragem de 5.000 exemplares. Encerra mil figurinos. Basta isso para se poder avaliar da sua utilidade. Todas as senhoras e modistas poderão n'ele encontrar um grandissimo sortido de modelos de todos os generos (passeio, receção, luto, caça, sport, amazonas, teatro, roupa branca etc. Cortam-se moldes por qualquer figurino, com a maxima brevidade (em menos de seis dias) e por preços excecioneas (desde 650 reis)

Todos os pedidos devem ser acompanhados da sua importancia, em vale de correio ou carta registada.

Quem pretender dirija-se ao agente

ANTONIO DOS SANTOS CAPELA

Rua da Marinha n.º 15—FARO.

